

Erika Albuquerque

# O DILEMA DO TAXISTA:

*Memórias Apátridas*



# **O DILEMA DO TAXISTA: MEMÓRIAS APÁTRIDAS**



**Pedro & João**  
editores



**Erika Albuquerque**

**O DILEMA DO TAXISTA:  
MEMÓRIAS APÁTRIDAS**



**Pedro & João**  
editores

**Copyright © Erika Albuquerque**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

---

Erika Maria Albuquerque Sousa

**O dilema do taxista: memórias apátridas.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 65p. 14 x 21 cm.

**ISBN: 978-65-5869-546-2 [Digital]**

1. Prosa e poesia. 2. Memórias. 3. Apátridas. 4. Literatura brasileira. I. Título.

CDD – 800

---

**Capa:** Petricor Design

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2021

*“Uma vida completa talvez seja a que termine em tal plena identificação com o não eu, que não resta nenhum eu para morrer.”. (Bernard Berenson, tradução de Clarice Lispector).*

Quando me perguntarem o porquê de eu ter decidido escrever este livro, responderei com aquela que me salvou e, ao mesmo tempo, me traduziu, embora eu ainda seja um enigma para mim mesma. No entanto, acredito que este trecho de Clarice Lispector pode explicar o que nem eu conseguiria com maior singeleza e profundidade reproduzir como resposta.

*“Uma coisa eu já adivinhava: era preciso tentar escrever sempre, não esperar por um momento melhor porque este simplesmente não vinha. Escrever sempre me foi difícil, embora tivesse partido do que se chama vocação. Vocação é diferente de talento. Pode-se ter vocação e não ter talento, isto é, pode-se ser chamado e não se saber como ir”.*



## SUMÁRIO

“E SE EU FOSSE EU?” .....	9
NÃO POSSO SER.....	10
AMIZADE CLANDESTINA .....	11
PAI.....	13
PROFESSORA FRANCISCA .....	14
QUARTO ABAFADO .....	16
UM BEIJO .....	17
VOVÓ: MEMÓRIAS DE UMA AMIGA .....	20
SOBRE O DIREITO AO SONHO .....	22
TUDO SE TRANSFORMA.....	23
SOBRE O VALOR DO AMOR PRÓPRIO.....	24
RECOMEÇOS .....	26
AOS 19 ANOS.....	20
Você precisa ser forte e corajosa. Vai dá tudo certo. ....	28
A saudade só é bonita na literatura; na vida real, ela arde. ....	29
INVENTAR HISTÓRIAS .....	30
EU SEMPRE FICO .....	31
VENHO MORRENDO MUITO .....	32
AMAR DEVE SER ISSO .....	33
A VIDA .....	34
TALENTO.....	35

DESEJAR MUITO.....	26
NENHUM HOMEM.....	37
INFELIZ .....	38
SENHOR DE SI.....	39
DECIDI IR À PSICÓLOGA .....	40
SUFOCADA .....	41
INDIGNA .....	42
TRANFORMEI MINHA SAUDADE EM PROSA .....	43
PUDOR.....	44
RATO.....	45
Será normal não se sentir feliz nenhum dia? Nem um dia... ..	46
Eles não entendem a minha confusão, e eu não acho que devo explica .....	47
SER MULHER.....	48
RESPONSABILIDADE .....	49
MUDANÇAS .....	50
CARTA 1 .....	51
CARTA 2 .....	54
CARTA 3 .....	56
CARTA 4 .....	59
CARTA 5 .....	62
POSFÁCIO .....	63
SOBRE A AUTORA .....	65

## **“E SE EU FOSSE EU?”**

Já me fiz essa pergunta muitas vezes e só consigo sentir constrangimento – ou seria vergonha? Um certo incômodo, com certeza! Procuo vestígios de covardia e sempre os encontro. No entanto, uma voz que não sei de onde vem, me diz que de algum modo, eu tentei. Já me enganei muitas vezes, é um fato. Mas quem nunca tentou se adequar? Não sei quem eu seria, mas começo a achar que este embrulho no estômago que sinto ao pensar nessa questão, já está fazendo com que eu mude.

## NÃO POSSO SER

Não posso ser, pois para ser, precisaria ter sido algum dia, e sinto que nunca fui verdadeiramente.

Quando consigo acordar cedo, gosto de abrir a janela e ficar sentada próxima de onde eu possa admirar a luz da aurora, e pergunto: “Será isso ser?”. Será que nesse momento eu, enfim, sou?

Mas sinto que só conseguirei ser completamente quando eu parar de sentir pena de mim. Parece fácil; entretentes, não! Não! Não! Ser é muito mais doloroso.

Penso, sinto, tenho medo de quando parar de sentir que sou pequena, que não sou, pararei de aprender, cessarei de me construir, pois cairei na vaidade de achar que sou. Sou completa e, por isso, perfeita, quando todos nós somos seres perfectíveis. Construídos todos os dias. Portanto, já não sei agora, novamente, se sou ou não! Ou melhor, se já estou sendo.

## AMIZADE CLANDESTINA

Sempre me senti muito sozinha no mundo. Mesmo tendo uma família unida e grande, sempre me senti deslocada e incompreendida. O problema de autoestima me acompanha também. Mas por que será que estou começando o meu texto assim? Porque é com os meus livros que encontro uma felicidade e uma amizade sincera. É, sim, uma felicidade clandestina sempre que posso comprar um exemplar novo e lê-lo. É incrível. Não consigo ir dormir sem ler e a primeira coisa que faço ao acordar é pegar um livro e ler. São minhas companhias, meus amigos; é uma amizade clandestina porque ninguém compreende a minha necessidade deles, exceto os amantes de leitura. Ainda bem.

A importância dos livros em minha vida se deu desde o momento em que a Professora Francisca me ensinou que para eu me tornar um ser humano digno, eu precisava ler. Ler muito. Ler todos os dias. E a partir daquele dia, eu procurava livros para ler. Sendo de classe média, os meus pais não tinham como me dar livros; a biblioteca da minha escola não tinha livros tampouco.

Mudei de escola na sexta série e, para a minha felicidade, na sala da diretora, havia uma coleção de livros. No dia de minha matrícula, eu olhei aquela estante com uma palpitação no coração: queria muito perguntar para a diretora se ela, algum dia, poderia

me emprestar algum daqueles livros, mas senti vergonha e permaneci naquele silêncio agonizante.

Na segunda semana de aula, tomei coragem e fui perguntar à diretora se ela poderia me emprestar um livro; fiz mil juras que iria cuidar bem deles e que não iria rasgar ou riscar. Ela me ouviu em silêncio e sorriu, depois disse que eu poderia ficar à vontade para ler quantos livros quisesse. Eu quase desmaiei de felicidade e lhe agradei. Corri à estante e fiquei o recreio todo lá, olhando para eles, folheando-os. Eu poderia ler qualquer um, qualquer um, era só pegar. Que alegria!

Eu contava onze ou doze anos na época. Finalmente escolhi um, tinha uma capa verde linda, e tinha o título de *Anne de Green Gables*, por L. M. Montgomery. Eu o li em uma semana, fiquei apaixonada pela Anne, identifiquei-me com ela em sua solidão, em sua falta de autoestima, no desastre, na melancolia. A Anne era eu e fiz uma promessa de quando completasse dezoito anos, tingir os cabelos de ruivo e ser uma ruiva inteligente e dona de si, igual a Anne.

Quando terminei o Ensino Médio, pedi de presente para a minha mãe a transformação. Ela relutou, mas compreendeu que isso me faria feliz. E pronto! Fiquei e sou ruiva até hoje e para sempre. Anne não está só na cor dos meus cabelos: está também no meu espírito e na minha formação. Sou um pouco de todos os livros que leio, que tenho e que ainda irei ler. Não consigo viver sem ler. Não imagino como seria se eu não tivesse ouvido a Professora Francisca.

## PAI

Quando pensamos em tempo, sempre achamos que ele pode esperar por nós.

Esperar até que consigamos atingir o diploma da faculdade,  
O emprego perfeito,  
Sofrer as dores de viver.

Há muito egoísmo no trato com o tempo.

De repente, alguém querido morre,  
O tempo foi tão curto,  
Mas o tempo esteve sempre aqui, aí, lá.

O tempo, pai, me faz ter uma relação difícil com o senhor  
Porque aguardo sempre que a vida nos mude para melhor.  
Mas o melhor não é a gente que faz?  
O último abraço não deveria ser hoje,  
Deveria ser sempre.

## PROFESSORA FRANCISCA

Poucas pessoas devem se lembrar do dia em que aprenderam a ler ou de como conheceram a Literatura. Eu me lembro exatamente daquele dia, o dia em que a Professora Francisca agiu com prudência e repreendeu uma menina dispersa; agarrou-me pelo livro, ou, melhor, braços, e me pôs a ler.

Eu estava na segunda série do Ensino Fundamental. Naquele dia, eu me recordo de não estar muito bem. Deveria ser preguiça ou sono por ter acordado demasiado cedo para ir à escola. Não me sentei no meu lugar habitual, mas na terceira cadeira da segunda fila, do lado direito da sala. Era dia de passar a lição para a Professora Francisca. Ela parecia-me que não estava em um bom dia tampouco.

Tão logo me sentei, peguei o livro e abri-o na página da leitura. Começou a me dar um sono, um sono, mas eu resistia. Minha vez de ler não chegava e eu estava tão cansada... Resolvi ler com o queixo encostado na mesa e o livro em pé, acima da cabeça. Nossa! Ficou pior e, por um breve momento, adormeci. A Professora Francisca devia estar a acompanhar aquela minha luta entre o sono e a leitura, e no instante em que eu fechei as pálpebras, ela veio em minha direção, nervosa. Bateu com a mão sobre a mesa, o que me

fez sobressaltar de susto. “Você estava dormindo?”. “Não, não.”. “Estava, eu vi.”. E enquanto dizia, abaixou o livro e ajustou minha cabeça na inclinação certa em que se deveria ler. “A partir de hoje, você irá ler sempre, todos os dias. E passe já esta lição.”.

Li o texto todo, e a partir daquele dia, eu li. Li sempre e hoje estudo para ser professora de Literatura. Sempre que leio, a Professora Francisca lê comigo. Ela está em cada livro e em cada texto. Não senti raiva naquele dia em que aprendi a ler; senti gratidão. Ela me tirou da miséria mental. Não me encontrei mais com a Professora Francisca. Se a visse hoje, lhe daria um dos meus livros preferidos e lhe diria obrigada. Somente obrigada.

## QUARTO ABAFADO

Gosto de registrar a evolução de minha pequena biblioteca, como que para lembrar como foi o processo de aquisição de cada exemplar. É tão emocionante admirar a sua metamorfose lenta, cheia de conhecimentos...

Olho ao redor, este quarto abafado, sem janelas, pequeno e estreito. Não tem problema! É a minha biblioteca particular, o meu mundo é aqui. Aqui, os sonhos acontecem. Aqui, eu conheço o mundo. Mas, viver cá, dói, machuca também.

Porque eu, que gosto tanto do mundo,  
Me vejo sempre aqui, no meu mundo.  
Acho que gostaria de conhecer os lugares lá fora.  
Anseio por viver também por lá,  
Mas tenho medo.  
O mundo é assim tão confuso.  
Volto para o meu quarto abafado e choro,  
Mas eu gostaria tanto de ver como é lá.  
Me consolo!  
Não é hora,  
Talvez um dia a hora chegue  
Mansa e misteriosa.

## UM BEIJO

Os dois eram primos, a mãe de B. foi ama de leite de M. A família era muito unida e os priminhos, desde o berço, sempre foram muito apegados. Tinham os mesmos sonhos; enfrentavam, muitas vezes, os mesmos moinhos de ventos. Suas singularidades tornaram-se, muitas vezes, comuns. Foram crescendo, e a amizade também.

Quando começaram a florescer os primeiros indícios da puberdade, assim como Betinho e Capitu, certo dia, ao invés do penteado, os olhares se cruzaram e uma alma reconheceu-se na outra. Bobagem! Somos primos-irmãos. Pensavam os dois em seu íntimo, simultaneamente.

O tempo passou e M., brincando um dia na rua com o primo B., indagou-lhe: “Por que não namoramos?” (e sorriu do próprio devaneio), e B., espantando ao perceber que ela também o amava, ficou nervoso e respondeu de prontidão: “Porque iríamos brigar muito. Eu gosto das mesmas coisas que você, mas você também gosta de matemática e poderemos brigar quanto a isso”. E os dois saíram de mãos dadas, brincando de namorados.

Conforme foram amadurecendo, os primos tiveram que se separar para darem continuidade aos estudos. Ele mudou-se para a capital; ela foi para um colégio integral. Não perderam o contato. B. sempre visitava os parentes nas férias e M. já havia esquecido

das brincadeiras de namorados que tinha com o primo quando criança. Ele, não. Recordava-se de M. e de suas brincadeiras, e apesar dos amores que teve (poucos, por conta dos estudos na capital), não esquecia a priminha ruiva. Amava-a, era óbvio. Quando B. formou-se no exército, voltou para casa, para trabalhar em uma cidade mais próxima da família. Não via a hora de reencontrar a namorada da infância.

M. pensava no primo também, mas tinha medo da decepção. Matava o sentimento e os pensamentos constantemente. Ia engolindo aquele amor de infância. Mas quando soube que B. estava voltando e para ficar, ficou inquieta. Passou dias aflitos, sentiu febre, sentiu agonias. Tinha medo de sua reação (E se ela se entregasse? E se não conseguisse disfarçar o nervosismo?)

Ele chegou! Estava indo passar o domingo na casa dos tios, pais de M. A família estava orgulhosa do sobrinho formado; sempre tiveram o menino como um filho. M. e B. foram assistir a um filme na sala, enquanto os tios preparavam o almoço. Os primos ficaram nervosos, tentavam disfarçar o sentimento, um olho no filme e outro nos gestos do amante. Reconheceram-se na inquietação e sorriram. Depois do almoço, a mãe de M. mandou os primos descasarem um pouco. Os dois foram para o quarto. Como haviam sido criados como irmãos, os pais da menina não se importaram de deixar os dois sozinhos no mesmo cômodo.

Deitaram-se nas camas que ficavam lado a lado e de costas um para o outro; não conseguiam sequer deitar direito; o coração pulava do peito. Finalmente sozinhos. No quarto de M. havia um quadro de Dom Quixote de La Mancha. Esse, atuando como força externa aos dois corpos, caiu. Os dois tremeram. Viraram-se, simultaneamente, para olhar o fator do barulho e seus olhares se encontraram, conforme os corpos eram levados, como que por uma força maior. Em segundos estavam de pé, frente a frente; e o beijo, como o buraco negro ou Via Láctea, se encontrou nos lábios dos primos.

## VOVÓ: MEMÓRIAS DE UMA AMIGA

Nós a chamávamos de vovó e, apesar de ser pequena, era dona de si como ninguém. Vovó era daquelas criaturas que a natureza só faz uma vez: única, singular em todos os modos. Foi uma companheira fiel, todos os dias se mostrava ativa. Conheci vovó quando eu era ainda uma criança; estava na mais tenra idade quando ela, a seu modo, já começava a demonstrar que me amava. Eu a amava também. Tínhamos as nossas desavenças diárias, mas como nosso relacionamento com nossos semelhantes, nosso relacionamento com os animais, é tudo menos simples.

Certo dia, vovó, que sempre tivera um apetite de leão, não quis almoçar – nem seu lanche da tarde, nem sua jantinha. Fiquei encabulada. Ela não é assim. Precisei sair naquele dia e passei o dia fora. A vovó não melhorara durante a semana. Levamo-la ao médico, mas ela não melhorava de jeito nenhum. Eu sentia que ela não estava bem. Estava quase completando seus quinze anos, quando em uma noite, começou a gritar baixinho, baixinho e eu corri até ela. Fiquei deitada ao seu lado, velando-a a noite inteira. Passou muito mal: delírios, desmaios, vômitos e muitos suspiros. Como eu rezei, fiz promessas, lembrei os catorzes anos que

juntas compartilhamos e chorei. Ela chorou também, mas via em seu olhar que ela já queria ir, precisava ir.

A noite passou e ela até parecia que estava melhor. Quando fui preparar o nosso café, ela recomeçou os ataques convulsivos. Estávamos sozinhas em casa. Vovó, com um último suspiro, me deixou. Naquele dia eu conheci o que é a morte de uma amiga. O que era a lealdade. A minha vovó, a minha curiquinha zombeteira.

## **SOBRE O DIREITO AO SONHO**

O pobre não pode sonhar. O sonho ou o desejo de fazer qualquer coisa, quando parte de um pobre, é nojento, irrita, causa desgosto. Quem é você para ter o direito de vislumbrar? Até tomar um sorvete é nojento. O pobre não tem vez. Como eu odeio ser pobre... Porque o preconceito de sonhar começa na própria família. A família teria culpa? Por ela, também, sofrer de preconceitos e se acostumar a não sonhar, com a miséria e com o desgosto da vida. Hoje, quis ir à capital me vacinar, mas fui dizer isso à minha mãe e ela sentiu desgosto. Um vírus que já matou mais de trezentas mil pessoas no Brasil, e ela me pergunta: “Vai até São Luís só se vacinar?” e eu perguntei “SÓ?” – senti desgosto também.

## TUDO SE TRANSFORMA

Estou sentindo a dor do parto: algumas pessoas chegam, sentam, tomam um café e, de repente, naturalmente fazem morada em nossas vidas e, como o sopro de um vento, partem!

William Shakespeare, em uma de suas peças, escreve sobre isso: “O mundo inteiro é um palco, onde todos os homens e mulheres são meros participantes; eles têm suas saídas e entradas; e cada um, por sua vez, desempenha muitos papéis.”.

A vida é um eterno palco de entradas e saídas, aplausos e vaias. Precisamos aprender a lidar com as idas, não somente com as vindas. Porque a vida nada mais é do que o eterno dilema do taxista: tudo é passageiro. Nada permanece. Tudo se transforma.

## **SOBRE O VALOR DO AMOR PRÓPRIO**

Eu sei que isso já é clichê e que as pessoas batem sempre na mesma tecla, mas só conseguimos entender o valor do amor próprio quando nos vemos sem ele. Quando você depende dos cuidados de alguém para se sentir feliz consigo mesmo, quando você se vê triste e sem rumo porque alguém não está te dando o devido valor ou, quando você esquece os seus sonhos, metas e conquistas por não se achar suficientemente bom para uma única pessoa ou para uma sociedade ou um grupo específico. É quando você fica depressivo por não receber uma mensagem... Basta!

Não serei mais essa pessoa fraca, que não se sente suficiente. Não me culparei, não me sentirei mais mal por atitudes de terceiros porque o amor da minha vida sou eu, e eu nunca irei me deixar. Eu estarei sempre comigo. E é por isso que devo me esforçar e cuidar do meu jardim porque só assim as borboletas virão até mim.

Meus estudos serão meus amantes e somente por eles eu devo ousar me trocar, mas se até eles me fizerem mal, eu irei repensar minhas rotas. Porque eu mereço ser feliz e meu sorriso não vale ser

arrancado por nada. A partir de agora eu serei uma nova mulher: mais gentil, mais focada, mais esforçada, mais confiante e com um sorriso sempre lindo no rosto porque eu sempre serei o amor da minha vida. E eu devo cuidar sempre muito bem de mim e não fazer escolhas que me façam mal.

Demorei a perceber, mas agora vejo o quanto você é importante, amor próprio.

## RECOMEÇOS

Hoje eu decidi mudar. Mudar tudo em mim que não me faz bem. Reconstruir a pessoa que sou e re(fazer) tudo que tentei esconder, ou simplesmente não aceitar que assim fosse.

Acordei hoje com o desejo de mudar, mudar e aprender a recomeçar. Hoje é o primeiro dia de todo o resto da minha existência. Seguindo o conselho de Sartre, não sou aquilo que fizeram de mim, mas o que eu vou fazer com aquilo que fizeram de mim. Assim como Clarice Lispector, que escreveu sobre o ato de comer uma barata e assim mudou toda a existência de sua personagem, eu escrevo estas palavras com ato que pode, digamos, parecer contra as regras de etiqueta. Pois ao estercar, sinto que tudo que literalmente precisar ir embora, está indo, e a partir deste momento, me torno livre para ser a minha melhor versão.

## AOS 19 ANOS

Aos 19 anos, você é confuso!

A solidão e o desespero da vida te incomodam diariamente. Junto a isso, você tem uma vontade de viver imensa. O mundo te espera. O novo é encantador!

Você vai sentir vontade de chorar e sorrir, constantemente...

Você vai sentir medo do anoitecer e sentir-se grato por todas as manhãs...

Seus sonhos serão tão grandes e fantásticos que quando alguém se pôr a questioná-los, você sentirá ódio.

Os 19 anos são uma idade brilhante, sofrida, elegante, mas, acima de tudo, uma idade para amadurecer...

Ninguém disse que será fácil, então acostume-se que a indecisão será sua melhor amiga.

Você precisa ser forte e corajosa. Vai dar tudo certo.

A saudade só é bonita na Literatura; na vida real, ela arde.

## INVENTAR HISTÓRIAS

Tenho a mania de inventar histórias dentro de mim e, às vezes, acabo inventando histórias sobre mim e as outras pessoas, em mim. Dentro de mim. E se tornam tão reais que acabo sofrendo muito. Ainda sou inocente e ainda não aprendi a amar. Não sou boa nisso, em amar! Sou muito dada às emoções e me entrego facilmente. Acho, sempre achei, que quando se gosta de alguém, não se deve perder tempo. Por isso, eu me atiro. Mas venho aprendendo que o meu achar é tão errado, torto e medíocre. Sofro muito. As pessoas estão desumanas; elas não amam mais. A delicadeza não as prende, não as agrada. Por isso, o problema está em mim; não posso te culpar por eu inventar sentimentos e histórias em minha cabeça. Você tem a sua parcela de culpa também, mas quem não sabe algo é sempre o mais culpado porque tem o dever de aprender antes de se lançar. Ontem e há alguns dias meses, eu sentia raiva de você, mas agora eu entendi. Percebi que eu preciso aprender ainda. Aprender dói, mas até que gosto de sofrer. Espero que você também aprenda e que doa também.

## **EU SEMPRE FICO**

Nenhum deles tinha diálogo. Talvez o problema seja eu. Esteja comigo todo o mal e todo o silêncio. Sou a culpada por dar errado e/ou não fluir. Metida comigo mesma, tendo a cair para dentro de mim e lá ficar. Por aqui ficar, vou ficando assim, como quem não quer nada. Porque eles nunca ficam, mas eu sempre fico.

## VENHO MORRENDO MUITO

Dormir é sempre a hora mais difícil: fico pensando na vida, na carreira e em tudo... Às vezes, eu complico tanto ou a vida que é complicada mesmo... Não sei. Tenho me esforçado tanto, sofrido tanto... Venho morrendo muito... Tenho medo de quando eu realmente encontrar a felicidade, já ser tarde demais. Afinal, o que é a felicidade? O que significa isso? Que sentimento é esse que carece de tanta luta, tanto esforço? Felicidade não é algo natural? Sempre pensei que fosse. Sempre achei que fosse.

## AMAR DEVE SER ISSO

Amar deve ser isto mesmo: deixar o outro livre enquanto você sente falta, enquanto você quer abraçar, quer beijar, quer dizer que pensou e sonhou com o amante. Amar deve ser isto mesmo: engolir o sorriso quando vê o amado para ele não se envaidecer. É sorrir para dentro quando se queria mesmo era entregar sua alma completa. Muito além de prazer, de um mergulho no outro. Amor deve ser isto mesmo: pegar na mão e soltar, deixar o outro ir quando quer que ele fique. Amor deve ser isto mesmo: aquela gangorra (ou, seria balanço?). O melhor que defina como o leva, como o vento traz. Traz a liberdade de amar e ser livre sabendo que se está amando...

## A VIDA

Lutamos uma vida inteira

E

Terminamos vencidos

Sempre!

Entre tudo isso, quem dá sorte, ama.

Quem dá sorte,

Morre menos.

## **TALENTO**

Por trás de todo talento, há inúmeras horas dedicadas, incontáveis renúncias e uma solidão que se faz necessária todos os dias para que o talento perdure.

## DESEJAR MUITO

Quando desejamos muito algo, acabamos, por vezes, nos esquecendo de agradecer pelo que já temos, pelas coisas que já conseguimos e, principalmente, agradecer!

É muito bom ser organizado; ter metas, sonhos, planos... Mas quando só enxergamos isso, acabamos vivendo em um mundo paralelo, um mundo só nosso! E esse mundo acaba sendo muito solitário! Tornamo-nos egoístas por não enxergarmos as coisas boas à nossa volta.

Hoje percebo que minha casa é legal, mesmo eu não sendo rica. Que eu tenho muita sorte por não precisar me preocupar com contas, aluguel, etc. Sou felizarda por mesmo não tendo tanto dinheiro, eu ter comida todos os dias, uma cama para dormir, um teto para ficar... Tenho computador para estudar, livros (poucos, mas tenho). Meus pais me apoiam e minha família é unida. Às vezes, precisamos tomar essa consciência e... AGRADECER!

## **NENHUM HOMEM**

Nenhum homem é confiável a ponto de você lhe entregar o seu próprio coração.

## **INFELIZ**

Já fui muito infeliz, em todos os sentidos dessa palavra. Às vezes, sem saber; às vezes, sabendo.

## SENHOR DE SI

Deve ser mais fácil ser o senhor de si quando se é um homem. Os homens, em geral, não se apegam a nada. Ao contrário das mulheres, eles não se recordam de detalhes, não revolvem suas reminiscências, a não ser Bento Santiago à procura de alguma memória que valide seu ciúme displicente. Mas de maneira geral, os homens não se detêm nesses fulgores e arroubos do coração; por isso lhes deve ser mais simples, mais direto e mais racional tornar-se senhor de suas vontades e caprichos! Como hoje gostaria de ser um desses seres esplêndidos, conhecedores de si, que conseguem aquietar a alma e os pensamentos... Sou fraca, fraca. E esse adjetivo, na ausência de outro, porque me vejo atormentada por conta de um sargento.

## DECIDI IR À PSICÓLOGA

Acordei com uma dor de cabeça que fazia meus olhos latejarem e me deixou com vontade de ficar na cama o resto do dia, mas eu estou tentando seguir uma rotina por conta dos medicamentos para depressão. Então, me esforcei, e por volta das 7:30 da manhã, me levantei meio trôpega e fui fazer meu café da manhã para depois tomar meus remédios e ler. Nesse meio tempo, meu pai chegou e logo partiu em direção à porta novamente. Minha mãe pediu que ele trouxesse algo do comércio para ela e ele ficou histérico. Antes disso, ele estava procurando uns papéis que ela havia posto em uma sacola, no quintal. Finalmente ele encontrou e logo saiu para comprar pão e foi aí que ela pediu que ele trouxesse algodão (lembrei). Ele começou a brigar e bateu o portão. “Não sei porque você ainda pede algo para ele”, disse. Ela respondeu que não iria pedir mais. Sem sabermos, ele estava ouvindo lá fora e voltou novamente gritando e eles discutiram de novo. Fiquei sentada, ouvindo. Depois que terminei de tomar o meu café, tomei meus remédios. Vim para o meu quarto, ler, e percebi que estou doente porque sempre presenciei isso e queria fugir! Na fuga, me perdi. Estou tentando me encontrar. Decidi ir à psicóloga.

## SUFOCADA

Eu preciso escrever, estou sufocada! Não sei por onde começar e nem o que dizer. Deveria ter pego papel e caneta antes de enviar aquela mensagem. Agora já enviei. E já sei a resposta que terei dela: silêncio!

Por que não falar? Não escrever? Dizer logo de uma vez... Que tortura chinesa!

Porquanto, tenho medo de saber, de conhecer o que estar por vir. Meus planos se espalham, se embaralham, e eu, agora, já nem sei, já nem sei o que sou, quem eu sou. Se eu fosse senhora dos meus desejos e dos meus sentimentos e das minhas fraquezas... O príncipe Hamlet poderia, oxalá, falar comigo! Mas eu sou fraca, devassa e solitária. Oh, vida, que fazes comigo? Não vês que estou sofrendo? Por que sou fraca assim? Sinto-me assaz envergonhada! Mas quem nunca se tornou fraco pela vaidade de ser admirado? Ledo engano! Talvez nem admiração, que vem do verbo admirar, nem mesmo jus a esse verbo de primeira conjugação eu deva receber dele! Talvez eu...

## INDIGNA

Talvez eu seja indigna por não aprender, ainda, a amar... O amor é para maduros e talvez eu ainda esteja, não verde, mas por enquanto, uma semente – uma semente que ainda nem germinou. Ainda me sinto sufocada, e junto à asfixia que esse sentimento me traz, sinto uma dor, uma dor em minha alma. Essa dor aguda, quente, fria, límpida, insensata... Essa dor de consciência que diz que não e diz que sim e me deixa trêmula e me faz suar!

Não acredito, não acredito que sejas tu: o amor! Não sou digna! Esse pecado, esse pecado, meu Deus, que por ser pecado, eu desejo tanto!

Não sabes quantas vezes, em pleno êxtase, sussurrei teu nome baixinho com as minhas mãos em minha carne, pensando nas tuas! Que sentimento feroz, que me toma as forças e a razão... Ah! Sinto dor... Tão longe e tão perto. Ah! Uma dor na garganta... talvez seja o choro que venha me visitar novamente. Ah! Que destino será o nosso? Que caminho será esse? Já estou sem forças para escrever. Esse sentimento me consome.

## TRANFORMEI MINHA SAUDADE EM PROSA

Tenho medo de sentir que não me importo mais, porque eu te quero tão bem, amor. Toda vez que eu quiser te procurar, irei escrever. Transformarei minha saudade em verso, em prosa ou, simplesmente, em nada, já que és o castigo por aceitar te querer. Eu nem me recordo quando aceitei. Talvez só sejamos como Eduardo e Mônica. Talvez a gente não saiba ou sim, “[...] um dia, se encontraram sem querer e conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer...”.

## PUDOR

Conversamos com vergonha, sussurrando o que queremos que o outro saiba e o que os desejos ditam. Ficamos com medo de sermos descobertos, mas suspeito que todos já desconfiem desse sentimento! Ah! O pudor! Esse pudor que tentamos proteger e que nos mata a cada dia. Agora mesmo escuto a tua gargalhada, acho teu sorriso tão lindo. Lembro-me do sabor dos teus lábios... Do teu gosto, do teu gosto amargo que faz eu me sentir devassa... Deveria sentir vergonha, mas eu sinto desejo. Não é só carne; eu desejo tua alma, teus sentimentos. Será que serei digna de possuir um sentimento delicado vindo de ti? Guardo-te em meus escritos, em minhas agonias, em meus gemidos silenciosos e abafados. Guardo-te em segredo, em mim.

## **RATO**

Antes, eu parecia um pavão, com o peito aberto; agora, pareço um rato encolhido.

Será normal não se sentir feliz nenhum dia? Nem um dia...

Eles não entendem a minha confusão,  
e eu não acho que devo explicar.

## SER MULHER

Vejo como é difícil ser alguém e como é difícil se tornar alguém sendo mulher. Sinto esse incômodo na minha própria família: os homens são unidos e sentem-se orgulhosos. O sucesso deles é merecido, óbvio. Eles se apoiam e, por terem esse braço amigo, têm um fator motor que os impulsionam a ascender. Sinto que, em relação a eles, sou sozinha. Luto sozinha. Por isso é tão difícil ser. Estou sempre me comparando aos homens. Eles estudam, trabalham e não se importam com os sentimentos. Querem dinheiro e poder para poderem comprar o amor e o prazer. Eu, que sou mulher, tenho a fraqueza do gostar; preciso estudar, limpar, trabalhar e lidar com as dores da alma de quem se compara. Lidar com os olhares sexuais que os homens dão e que por ser fraca, olho. Mas eu queria entender porque nós, mulheres, não podemos e eles podem. Às vezes, eu queria mesmo era ser como os homens: não pensar tanto e focar. No entanto, sinto que isso tiraria a minha capacidade. Ainda não sou nada; sinto que um dia serei alguém. Esse incômodo que dói ainda será alegria. A alegria da conquista ainda irá doer dentro de mim. Mas por ora sinto mesmo é uma grande dor de tristeza. Tristeza de ser um nada.

## RESPONSABILIDADE

Sinto muito ódio de morar aqui. Deveria ser grata por ter um teto e comida; às vezes, o sou. Tento sempre agradecer por não faltar a mim esses serviços básicos humanos e que toda pessoa merece e lhe são garantidos por direito. Sinto raiva e ela se direciona, principalmente, aos pais. Que irresponsáveis que são! Jogar/parir no mundo uma vida que nem sequer tem como escolher! São pais que geram sem pensar no amanhã, sem terem condições de educar; às vezes, nem eles próprios são educados, não têm condições de nos dar acesso à cultura, a livros, a uma vida digna! Não têm nem onde colocar esses filhos malditos. Os filhos que precisam levar nas costas o peso do mundo. A responsabilidade de sobreviver em situações tão adversas e, se não bastasse serem os heróis daquela família, sem perguntarem se os pobres diabos queriam carregar essa cruz sobre si. É para se ter ódio, sim! Não me venha tentar aliviar o meu sentimento, o meu sofrimento e de tantos filhos que são obrigados a isso, e aprendem que assim deve ser a vida: transmitir de geração em geração a miséria da existência humana.

## MUDANÇAS

Todos nós mudamos. Por mais que seja doloroso esse processo, é algo necessário. Quando enfim descobriremos que tudo é passageiro e que a pessoa que você foi ontem não é a mesma de hoje, somente nesse dia conseguiremos nos perdoar por nossas falhas e pararemos de ser tão duros conosco mesmos. É um longo processo. Uma viagem cheia de imprevistos.

## CARTA 1

Vivo constantemente um terrível dilema: perguntas que me atormentam, que me torturam. Afinal, quem sou eu? O que eu quero ser? O que quero me tornar? Quais são os meus princípios, por que vim ao mundo? Por que me chamam pelo nome? Qual o meu propósito?

Por muitas vezes, já tive a ilusão que sabia responder a alguma dessas perguntas, mas agora me pego totalmente perdida, sem rumo, sem direção; um completo vazio habita minha alma. É como se tudo fosse uma grande ilusão, não consigo enxergar raízes em nada, nada tem sentido. As pessoas vivem em uma bolha de felicidade, alimentando seu narciso e eu só consigo sentir consternação por essa realidade. Não tenho paz em minha alma um dia sequer. Imagina como é esse sentimento?

Todos os dias eu reflito sobre uma pergunta, que sonho em um dia poder responder com um “sim” consciente, mas ainda é distante. Vou fazê-la a ti: “Você se considera feliz?”. Pois para mim essa resposta nem efêmera algum dia foi. A cada dia, ela se torna uma utopia. Mas, quem sabe, não. Quem sabe eu consiga, assim como Gotama ou Govinda, encontrar a paz da existência e o propósito de uma vida que valha a pena. Ou viverei como Karnal: questionando

as coisas simples e achando respostas que conscientizam essa grande massa. Ou talvez eu esteja em devaneios quando imagino isso.

Quando refleti sobre ser uma professora, sobre ensinar e conscientizar, eu imaginava que eu estaria mais centrada em meu destino. Antes que comece a pensar que pretendo abandonar tudo por conta dessas incertezas, eu te asseguro que a resposta é “absolutamente”. Seguirei firme e pretendo, assim como os samanas, aprender a suportar as dores, aprender a suportar a fome, o sono. Tudo isso será usado ao meu favor para que eu consiga chegar ao fim da primeira etapa da jornada, qual seja: a formatura. E assim, conseguir trilhar os outros caminhos. Mas, então, você me pergunta: “Você já sabe quem quer ser e como chegar até lá?”. Lembra que disse que outrora me pego com algumas respostas? E que elas me escapam da alma e da mente como um sopro? É assim, do jeito que pensaste, que é meu dilema.

Seguirei lutando contra as incertezas e pretendo um dia, nem que seja no leito da morte, dizer que alguma parte dessa existência valeu de algo. Será uma vida inteira me moldando e, quem sabe, talvez valha a pena. Mas não se engane: meu propósito não é ter certezas absolutas. Creio que nem o mais sábio dos homens consiga tamanha proeza; já me bastaria não me martirizar por erros passados ou aflições futuras.

Foi apenas um desabafo, alguns suspiros da alma. Obrigada por te fazeres atento mais uma vez, caro amigo. Não sabes como fico grata por tua amizade. Obrigada por seres quem és.

## CARTA 2

Há dias não te escrevo nada, mas isso não significa que eu não lembre de nossas cartas. Só ando demasiadamente atarefada, como bens sabes, pois se faz presente em todas as madrugadas, desde que o nosso laço prematuro se iniciou. Eu só quero te passar algumas reflexões por meio desta carta, caro Sidarta.

Sabes quando sentimos aquele aperto no coração? E acompanhado dele vem o medo, a angústia, o pessimismo, a vontade de desistir e o desequilíbrio? Não temas! Sabes um remédio que ajuda? Chorar. Chore, chore bastante e não te sintas culpado por isso. Somos humanos e é essa a faculdade mais linda. Os seres humanos, ao contrario dos outros animais, possuem a capacidade de pensar e, com isso, conseguem realizar coisas extraordinárias. Não somos máquinas. Sentimos medo de vez em quando, e o mais interessante é que sentir medo é um sinal de que estamos trilhando o caminho certo.

Se todas as pessoas sentissem esse medo angustiante, talvez o nosso país fosse melhor. O medo é a virtude dos obstinados. Há uma grande diferença entre o medo em si e o medo como desculpa. Tentarei discorrer.

Quando estamos empolgados e dando o melhor de nós em um projeto (seja lá qual for), temos medo de não dar certo, pois estamos nos esforçando, verdadeiramente, para isso acontecer e tememos que nosso esforço não seja reconhecido. Em consequência disso, nos esforçamos mais e mais para que tudo saia como esperamos. Resultado: o sucesso chegará quando você menos esperar, pois você não vê o caminho, está ocupado demais trabalhando para galgar cada degrau.

Agora, o medo como desculpa. Quem não se dedica a nada, não sente medo, pois não tem nada para perder, não tem nada para apresentar, não tem nada para mostrar. É aí que entra a desculpa do medo: “Não faço, pois tenho medo de dar errado!”. Quantos acomodados nós conhecemos? Muitos, não é? E se eu me atrever a escrever que existem acomodados dentro até das universidades, você acredita? Sei que sim!

Sabe, eu só estou tentando escrever que você é esforçado! Olhe para os dois exemplos acima, você sente desespero porque acredita nos seus sonhos e porque a todo instante você luta para isso acontecer. Se você fosse acomodado, não sentiria medo.

### CARTA 3

Primeiramente, você é muito gentil. E eu, que nem acredito muito em anjos, começo a desconfiar se não serás um disfarçado, que veio para me ensinar algumas lições valiosas. Acredito muito na importância de cada pessoa. A forma e o momento que elas entram em nossa vida dizem muito sobre a passagem de cada uma. Devemos ter humildade para agradecer cada uma e aprender o que elas vêm nos ensinar. Eu que agradeço você por ter sido tão nobre aquele dia, quando me ofereceu um aconchego em seus braços, sem ao menos me conhecer. Apenas ouviu seu lado humano e se dispôs a ajudar uma alma ferida. Tiro daí a certeza de que você tem um coração do tamanho do mundo.

Apesar do pouco tempo, já tenho inúmeros predicativos a te dar. Admiro sua força de vontade e seu modo de ver a vida, e eu não poderia deixar de fazer menção ao que mais me toca em relação a você, caro amigo: não tem vergonha de chorar, de discorrer sobre suas mazelas. E o mais encantador: encara tudo com uma graciosidade e uma humildade perante a vida que por vezes me pego envergonhada por algumas de minhas atitudes cá com ela; venho aprendendo muito com você e quero aprender mais.

Convido-o a conhecer mais uma obra de arte que, essa em particular, adoro e me toca de uma forma diferente.



*Self Made Man* é uma escultura da artista Bobbie Carlyle. É a representação do homem se esculpindo, fazendo a si mesmo. Em outras palavras, ele reconhece que não é perfeito. “Perfeito” vem do

latim *perfectus*, ou seja, feito até o fim. Nenhum ser humano é perfeito e quando compreendemos que não somos nada e buscamos nossa essência, algum dia, talvez, conseguiremos ser alguém digno de admiração. É uma vida inteira buscando o aprimoramento diariamente e aprendendo com erros, lapidando cada lacuna e levaremos esse corpo mal feito, até a lápide. Enfim... Poderia escrever muitas laudas só falando sobre essa imagem, pois cada vez que a vejo, sou invadida por uma onda de sentimentos e reflexões.

## CARTA 4

Quem sou eu para julgar alguém? Quem sou eu para dizer o que é certo ou errado? Ou ainda, ser digna que perdoar alguém? Não sou nada! Partindo desse pressuposto, não posso responder à sua pergunta. No entanto, peço que não se martirize tanto. Afinal, assim com você, eu não sou *perfectum*.

Precisei de reclusão para entender algumas coisas e refletir melhor. Consegui entender o porquê do sentimento que eu tive e que ainda está presente, após a conversa de ontem. Sempre que alguém se aproxima de mim, algo de ruim acontece para romper o laço prematuro que eu desenvolvo. Eu já esperava que isso acontecesse. Às vezes eu me pegava pensando como seria com você... E aconteceu! Só que por mais que eu esperasse, não sabia que seria tão rápido. Lembrei-me da história de Romeu e Julieta: a fantasia perdurou de domingo à noite até quinta-feira pela manhã. Só que ao contrário deles, não somos amantes. Somos amigos.

Então, depois de refletir sobre *Édipo Rei* e *Romeu e Julieta*, eu percebi que as coisas acontecem como devem acontecer. Você, assim como Édipo quis postergar as coisas – com receio talvez; com medo, talvez; com inocência, talvez... talvez... talvez... talvez! Não sei o que pensou.

Outrossim, confesso que não achei certa sua atitude, por mais digna que fosse, por mais sinceridade que houvesse. Você deve confiar seus segredos à sua dama, deve fazer dela sua melhor amiga e deve compartilhar ensinamentos com ela. Coloquei-me no lugar dela muitas vezes nesse curto tempo e refleti sobre tudo, e sinceramente, eu se estivesse mesmo em seu lugar, não me sentiria bem, consideraria uma traição. E só de pensar nisso, eu me senti assaz suja, senti asco de mim mesma. Não, não quero ser interpretada assim, quando só tive boas intenções. Por isso, a alma cinzenta.

Destarte, reitero que sou grata por sua amizade. Nesse curto período, eu aprendi tanta coisa e sou feliz por isso. Não posso responder à sua pergunta sobre perdão, pois não a tenho. Mas quanto às outras, fique com o coração sossegado. Tudo não será silêncio, pois já gosto em demasia de sua companhia e seria uma penúria romper um laço de amizade. Amizades verdadeiras estão escassas e acho que devemos manter por perto pessoas que nos estimulam a crescer e a corrigir os erros. Em outra ocasião e tempo, eu romperia qualquer laço, mas graças à Literatura, eu aprendi uma das três habilidades de Sidarta: pensar, esperar e jejuar. Hoje aprendi a pensar.

Só peço, por obséquio, que não oculte mais nada, que seja sempre honesto consigo mesmo, com sua companheira e com a vida. Ainda que tente se proteger e ainda que tenha boas intenções. Preciso

dizer que nossa amizade sofrerá algumas restrições por respeito à sua condição conjugal. Mas que a proposta do livro, do café e das trocas literárias continuam de pé, só que com mais profissionalismo. Desejo felicidades sempre. Um abraço!

## CARTA 5

“Quando queremos dizer sim, mas o medo nos impede e, com o coração apertado e sangrando, dizemos não!

Quando o coração está calejado de tantas vezes não dar ouvidos à razão e nos pegamos no dilema do sim ou não, querendo dizer sim com todas as forças, mas, com o coração sangrando, dizemos não!

Quando sentimos um perfume e lembramos do gosto do sim, mas lá vem a razão repreendo e dizendo, mais uma vez, não!

Quando o choro nos faz perder a razão e a trancamos em um quartinho sozinha, dentro da alma, ela grita ‘não, não, não!’”. Mas o coração está cansado, cansado de chorar, cansado de se repreender e, saltitante, vai enfim encontrar o causador de todo o dilema. Ao chegar em sua presença, com os olhos brilhando, talvez de alegria por ter prendido a razão, talvez de medo de ter que dizer não, ou talvez melancólico por medo de dizer, enfim, o tão sonhado “SIM”.

“Calma, razão”, diz assim o coração, “Sei o que fiz”. Mas a razão, magoada por ter sido repreendida, responde: “Espero que sim, coração, espero que sim. Pois as nossas meninas lágrimas estão cansadas de trabalhar, por causa de suas teimosias.”.

Sem rima, sem métrica, sem razão. Apenas suspiros de uma alma inquieta.

## POSFÁCIO

Dedico este livro a todas as pessoas que se sentem sozinhas, sensíveis e culpadas por sentirem em demasia os sentimentos que o mundo lhes oferece. Que essas pessoas, assim como eu, possam encontrar na Literatura uma mão amiga; que possam se sentir amparadas; que entendam que tudo passa e que vivemos em um dilema.

A vida é um verdadeiro dilema do taxista: estamos todos aqui a passeio. Talvez seja difícil compreender e até mesmo classificar esses escritos. Compreendendo isso, coloco-os como apátridos. Não no sentido de não terem pátria, mas por ser uma seleção de memórias particulares, que de alguma forma podem ser lidos e, quem sabe, até serem compreendidos por pessoas de qualquer lugar, idade e sexo.

Do meu coração para o seu. Um livro chega ao final, carregado de dívidas. Gostaria de pagar uma. Agradeço imensamente à Professora Yls Rabelo Câmara por sua contribuição e amizade. Conte comigo sempre.



## **SOBRE A AUTORA**

Erika Maria Albuquerque Sousa é graduanda em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão, Campus Caxias. Autora de artigos e capítulos de livros, é Membro CNPq do Núcleo de Pesquisa em Literatura Maranhense – NuPLiM e do Grupo de Pesquisa em Literatura, Arte e Mídia – LAMID. É igualmente Membro do Grupo de Estudos Filhas de Avalon – II Edição. Atualmente, dedica-se aos estudos sobre Memória, Autobiografia, Literatura Maranhense, Literatura Brasileira, Teoria Literária e Literatura em meios digitais, sendo também pesquisadora pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA.

“Somos o que fazemos, mas somos,  
principalmente, o que fazemos para  
mudar o que somos”

(Eduardo Galeano).

